

## **EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM EJA – REVISITANDO AS PRÁTICAS LEITORAS E ALFABETIZADORAS**

ANDREA DA PAIXÃO FERNANDES (UERJ / UNICAMP), DANÚBIA MELO DE SOUZA (UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO).

### **Resumo**

O presente trabalho propõe uma releitura do projeto de extensão universitária “EJA – lendo, escrevendo e aprendendo com a sabedoria popular”, desenvolvido no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (CAp–UERJ). O projeto em tela inaugura as ações no campo da alfabetização de jovens e adultos no CAp–UERJ, considerando, em sua concepção, a importância da valorização de saberes populares nos processos de aprendizagem e a apropriação da leitura e da escrita, na perspectiva do letramento. Dialogar com a multiplicidade e com a complexidade de saberes que os sujeitos jovens e adultos participantes do projeto levam para o contexto da sala de aula permite estabelecer interações e conexões capazes de viabilizar o processo de aprender–ensinar e, com isso, o da produção de conhecimento. Aprendemos com o outro e nas interações produzidas. Aprendemos, também, quando ensinamos, pois aprender–ensinar deve ser uma relação dialógica. Nesse sentido, concordamos com Paulo Freire quando ele afirma que alfabetizar é mais do que o processo mecânico ou técnico de repetição das palavras, mas é saber ler a palavra (e escrevê-la) tendo como referencial a cultura, numa perspectiva conscientizadora. Diante disso, o projeto “EJA – lendo, escrevendo e aprendendo com a sabedoria popular” se propõe a estimular a formação de leitores e escritores críticos e, para isso, investe nesse processo como ato de conscientização. Recorreremos, para tanto, às memórias dos sujeitos participantes sobre suas trajetórias de vida e, a partir daí, enfocamos a leitura com significado e a escrita como produtora de sentidos para quem escreve: o estudante da EJA. Ao revisitarmos as práticas leitoras e escritoras, revisitamos o projeto em si, dialogando com o que aprendemos–ensinamos realizando, portanto, o registro da caminhada percorrida nesses quase cinco anos de sua existência.

### **Palavras-chave:**

letramento, memórias de jovens e adultos, conscientização.

### **Diálogo inicial**

(...) ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina ensina alguma coisa a alguém (Freire, 1997: 25).

Aprender e ensinar são práticas recorrentes nas diferentes sociedades e trazem, em suas formas e artes de fazer (Certeau), a necessidade de interações, de trocas entre sujeitos e em suas relações com o objeto a ser aprendido. “Ensinar inexiste sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar” (Freire, 1997: 26).

O *espaçotempo* do Projeto de Extensão Universitária “EJA - lendo, escrevendo e aprendendo com a sabedoria popular” é, primeiramente, um espaço de *ensinaraprender*. Entendemos que ao ensinar jovens e adultos de diferentes faixas etárias, aprendemos com suas experiências de vida, seus saberes cotidianos e

populares que, também, são representações sociais[1] de saberes científicos que, historicamente, a humanidade vem acumulando e desenvolvendo a partir das descobertas e da evolução técnico-científica.

Consideramos, portanto, que a prática pedagógica com jovens e adultos deve propiciar a valorização dos saberes populares desde a etapa de aprendizagem da leitura e da escrita, transitando, ainda, pelas descobertas e re-elaborações que esses sujeitos fazem do tema ou do conteúdo que é objeto de estudo. Ao trazer esses saberes e os sentidos produzidos pelos estudantes para os debates e reflexões dos *espaçostempos* de *ensinaraprender*, torna-se possível exercitar essa valorização e construir a ação alfabetizadora a partir do que é significativo para o grupo de estudantes.

Mas de qual conceito de alfabetização nos apropriamos? Que conceito e perspectivas alfabetizadoras nos interessam para o desenvolvimento do projeto em tela? Como os diálogos em sua complexidade e multiplicidade de formas se constitui no cotidiano do projeto? Como aprendemos? Como ensinamos? Como se elaboram e se desenvolvem as práticas leitoras e escritoras?

### **"Os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo" (Paulo Freire)**

O projeto em tela tem como seu principal ponto de partida as vivências e os saberes populares dos estudantes, buscando aprofundar os investimentos na construção dos conhecimentos necessários à aprendizagem da leitura e da escrita. Para isso, o diálogo é uma prática constante.

Diálogo, para Freire (1987), é o encontro entre os homens que não se esgota na relação entre "eu-tu". Vai além. Considera as mediações e possibilita a reflexão entre as ações dos sujeitos no mundo em que vivem, as transformações, humanizações e (re)criações.

Tendo como base o diálogo, o processo de aprendizagem da leitura e da escrita e, como parte inicial dele, o processo alfabetizador, origina-se do levantamento das temáticas que são do interesse do grupo para que, a partir dessas, seja construído o projeto de trabalho. Dessa forma, o diálogo possibilita um olhar e uma leitura do mundo como um processo em construção e em permanente transformação. Com isso, "o sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História" (Freire, 1997: 154).

Contudo, antes de trazer para o texto como o projeto de trabalho vai sendo tecido e os contextos que permitem tal tessitura, consideramos importante começar a dialogar sobre algumas questões que levantamos no início deste texto.

Diante disso, torna-se importante explicitar de qual conceito de alfabetização nos apropriamos e quais conceitos e perspectivas alfabetizadoras nos interessam para o desenvolvimento desse projeto.

Tendo como referência central o pensamento de Paulo Freire, consideramos que a alfabetização é um processo que se constrói a partir de movimentos que se preocupem e se ocupem da conscientização humana, da valorização das culturas e, ainda, das diferentes leituras de mundo dos sujeitos jovens e adultos. Essas leituras de mundo, diferenciadas, complexas, são carregadas de sentidos e de significados para quem as lê.

Certeau (2003) afirma que o poder cultural invade os diferentes espaços da sociedade, personalizando-se e inserindo suas novas produções nos contextos sociais. Para o autor, a televisão e o que em suas emissoras se veicula potencializa esse processo.

Contudo, Certeau (2003) afirma que:

Mais do que um conjunto de "valores" que devem ser defendidos ou idéias que devem ser promovidas, a cultura tem hoje a conotação de um trabalho que deve ser realizado em toda a extensão da vida social. Por esse motivo, impõe-se uma operação preliminar que vise a determinar, no fluxo fecundo da cultura: um funcionamento social, uma topografia de questões ou tópicos, um campo de possibilidades estratégicas e das implicações políticas.

As indagações, as organizações e as ações ditas culturais representam ao mesmo tempo sintomas e respostas com relação a mudanças estruturais na sociedade (p. 192).

Cultura e aprendizagem da leitura e da escrita fazem parte de uma trajetória de complementariedade, se considerarmos o processo de alfabetização de acordo com a concepção freireana. Para Freire, alfabetização é conscientização e, sendo assim, possibilita que o alfabetizando tenha "condições de poder re-existenciar criticamente as palavras de seu mundo, para, na oportunidade devida, saber e poder dizer a sua palavra" (Freire, 1987: 13).

Ao poder re-existenciar, o estudante da EJA está indo além do processo estrito de alfabetização, porque pode ressignificar a palavra, tomando consciência de seu sentido no texto; no discurso.

Freire (1987) afirma que:

Nesse sentido, alfabetizar-se não é aprender a repetir palavras, mas a dizer a sua palavra, criadora de cultura. A cultura letrada conscientiza a cultura: a consciência historiadora automanifesta à consciência sua condição essencial de consciência histórica. Ensinar a ler as palavras ditas e ditadas é uma forma de mistificar as consciências, despersonalizando-as na repetição - é a técnica da propaganda massificadora. Aprender a dizer a sua palavra é toda a pedagogia, e também toda a antropologia (p. 18).

Ainda em relação ao conceito de alfabetização, segundo Tfouni (1997: 9) "a alfabetização se refere à aquisição da escrita enquanto aprendizagem de habilidades para leitura, escrita e as chamadas práticas de linguagem".

Para esses autores, a concepção de sujeito alfabetizado precisa ir além da decodificação ou da aprendizagem das habilidades necessárias para ler e escrever. Estar alfabetizado, portanto, representa fazer uso social da leitura e da escrita, pois esta é condição indispensável para que os sujeitos estejam verdadeiramente inseridos na sociedade.

Quando as leituras feitas pelos jovens e adultos alfabetizados são significativas para si, ou seja, quando tais leituras trazem em seus contextos suas representatividades, vivências, experiências, aspectos de relevância cultural, possibilitam que esses jovens e adultos leiam o mundo, com toda sua complexidade e com sua multiplicidade de saberes e de cultura.

Ao valorizar os saberes de cada um, valoriza-se o que lhes é mais significativo e, também, a diversidade de saberes que perpassa os espaços de *ensinaraprender*.

Esses saberes, múltiplos; diversos perpassam a concepção metodológica do projeto "EJA - lendo, escrevendo e aprendendo com a sabedoria popular" desde sua origem. E, assim, vão tecendo o encontro dos sujeitos jovens e adultos que dele participam, com a leitura e a escrita.

A tessitura que se constrói a partir das vivências, dos saberes populares em suas diversas manifestações, dos aspectos culturais que são relevantes para os grupos e do respeito aos contextos sociais nos quais se inserem, vem nos permitindo, do lugar de educadores, aprender com os estudantes.

### **Narrativas de quem aprende ao ensinar**

Ao rememorar as trajetórias do projeto que ora apresentamos, elegemos, basicamente, dois enfoques: o primeiro deles considera sua etapa inicial desenvolvida nos anos de 2005 e 2006; o segundo, a trajetória da ação nos anos de 2007 e 2008.

Da fase inicial do projeto (2005 e 2006), participaram trabalhadores e trabalhadoras da empresa prestadora de serviços de manutenção e limpeza à Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Inicialmente com um grupo composto por mulheres e homens, em sua trajetória, fixou-se ao projeto somente mulheres. O fato de trabalharmos com um grupo exclusivamente feminino permitiu aproximações e discussões que uniam mais ainda seus interesses - de mulheres, mães, esposas, mas, sobretudo, de trabalhadoras.

A relação de *ensinaraprender* tinha como seu grande referencial a dialogicidade e a troca de saberes, de vivências, de experiências entre seus partícipes. Do lugar de professoras e orientadoras, aprendíamos com as experiências e com os saberes das estudantes. Aprendíamos com aspectos que foram tão fortes na formação daquelas mulheres e que, por sua vez, tinham sido lhes ensinado na escola da vida. Vida dura, de quem trabalhou na roça; de quem teve que deixar a escola para ter a garantia do sustento da família sob sua responsabilidade. Essas mulheres ao participarem do projeto "EJA - lendo, escrevendo e aprendendo com a sabedoria popular", não só aprenderam e aprimoraram suas capacidades de ler e escrever, como também mudaram a forma de ver o mundo, de "encarar a vida", pois perceberam que o conhecimento adquirido é algo capaz de torná-las mais fortes e, ainda, mais capazes de realizar seus objetivos, deixando-as mais seguras para o enfrentamento de muitos de seus desafios de vida.

Cabe ressaltar que, do lugar de quem ensina, muito também era possível aprender com as pessoas que participavam/participam de projetos como o que ora apresentamos, da mesma forma que é possível aprender sempre quando se impõe ao ato de *ensinaraprender* uma relação de troca; de parceria.

Mas, voltando ao cenário que provoca nas autoras o desejo de recuperar as memórias desse projeto, se o início foi de resistência - movimento natural, se considerarmos a trajetória de negação e de exclusão dessas mulheres - por outro, iam, a cada encontro percebendo seus erros e acertos; sua caminhada - individual e coletiva - e os desafios que iam sendo superados no/pelo grupo.

Dentre esses desafios, encontrava-se o de transformar as idéias, os pensamentos e as reflexões produzidas em texto escrito. Foi um movimento gradativo; de confiança; de conquista. Conforme o estranhamento com o novo - a prática escolar

- foi sendo gradativamente superado, o movimento outro de se reconhecer como parte do processo de *ensinaraprender* foi se constituindo no cotidiano do grupo. Esse movimento que surgia trazia para a relação professor-aluno / *ensinaraprender* situações representativas do cotidiano de cada uma das mulheres participantes do projeto.

As relações de poder existentes - porque fazem parte da vida em sociedade - deixavam espaço para relações de diálogo; de troca entre quem ensina e, ao mesmo tempo, aprende, fazendo do aprender, conforme o pensamento freireano, um ato conscientizador.

Nos anos posteriores (2007 e 2008), a experiência foi desenvolvida junto a um grupo de homens oriundos de situação de rua e de marginalidade, abrigados em um centro de recuperação para ex-moradores de rua e ex-dependentes químicos, localizado no centro da cidade do Rio de Janeiro.

Esse novo grupo, constituído por 25 homens com idades entre 18 e 65 anos, trazia, como parte de suas histórias de vida, relatos referentes à saída do núcleo familiar e ao encontro com as mais adversas situações de exclusão social. Alguns já eram alfabetizados, outros foram alfabetizados no cárcere; há ainda quem construiu seu processo de alfabetização a partir do enfrentamento de desafios cotidianos - é o caso, por exemplo, de um estudante que declarou ter aprendido a ler porque todas as manhãs passava por uma banca de jornal e tentava ler as manchetes dos jornais; até o dia em que se descobriu leitor.

No entanto, mais do que a aprendizagem da leitura e da escrita, os participantes do projeto relatavam que a ausência das famílias fazia parte de uma realidade constante. Uma pergunta tem lugar ao pensarmos o centro de recuperação como um espaço temporário que apresenta como um de seus focos à reintegração desses homens ao núcleo familiar: como, efetivamente, viabilizar essa reintegração se há um distanciamento marcado entre eles e suas famílias? Como, dessa forma, poderão ser reintegrados verdadeira e plenamente à sociedade?

Tendo como parâmetros o espaço de aprendizagem em comunhão e de convivência que se realiza no cotidiano projeto em tela, este passa a ser para seus participantes, não apenas um espaço de alfabetização, mas também um espaço de leitura e de ampliação de seus saberes e posicionamento crítico frente aos contextos cotidianos. Os suportes textuais são diversos e dialogam com a realidade vivida pelo grupo atendido, a qual, por sua vez, é importante para a elaboração dos temas abordados. As atividades propostas para cada grupo participante são embasadas em histórias de vida dos próprios estudantes. Essa abordagem articula diferentes visões de mundo dos sujeitos, o que os leva a uma conscientização de sua real importância como agente histórico-político. Ao revisitar e reconstruir suas próprias histórias de vida, o processo de alfabetização desses sujeitos tem significado agregado. Dessa forma, esse processo se amplia para a busca de sentidos entre o que se lê, escreve e os interesses e demandas do grupo atendido. Tal prática permite que a aprendizagem da leitura e da escrita pelos sujeitos participantes do projeto se constitua como um processo transformador.

Outro aspecto de grande relevância observado junto aos estudantes consiste no aumento da auto-estima dos indivíduos atendidos, o que, da mesma forma como aconteceu com o grupo anterior, foi sendo gradativamente percebido e valorizado na relação entre os sujeitos.

Observações realizadas durante o desenvolvimento do projeto permitem afirmar que a alfabetização para aqueles jovens e adultos é mais do que saber ler e

escrever; é a possibilidade de vida nova, oportunidade de um emprego melhor e, conseqüentemente, a possibilidade de um retorno para a vida familiar. É, também, vista pelos participantes como oportunidade de "salvação" do vício, da rua e do crime, como podemos identificar na declaração de alguns dos estudantes.

Segundo o Estudante A, "Às vezes a gente vê as pessoas lendo e quer aprender. A gente é igual a cego. Já estou a três meses [no centro de recuperação], bebia muito. Saí do vício da bebida".

O Estudante B, por sua vez, declara que "Gostaria de aprender a ler e escrever para arrumar um emprego".

Como se pode comprovar pelas declarações representadas nas falas desses dois participantes, há uma associação entre a saída do vício e a perspectiva de libertação. E no que se refere à aprendizagem da leitura e da escrita, ambos reconhecem a importância da leitura e da escrita para a superação de obstáculos e de limites que a sociedade e o mundo do trabalho colocam aos que não são alfabetizados.

### **O que aprendemos ao revisitar nossas práticas?**

Para os sujeitos participantes do projeto em tela, nos seus diferentes momentos e por seus diferentes grupos, o processo de alfabetização é constituído de forma plural e preocupado tanto com a diversidade existente no interior de cada um desses grupos, como com o que os unifica enquanto tal.

Para ambos os grupos trabalhados, o processo de alfabetização e de conscientização constituem etapas das tantas libertações que precisam atingir. Se para o grupo de mulheres, as libertações das amarras do tipo de trabalho que desenvolvem e que, muitas vezes, lhes impede de estudar é algo significativo, para o grupo de homens atendidos na etapa seguinte do projeto, há outras amarras das quais precisam se libertar e, portanto, vêem a escolarização como uma das possibilidades de superação das mesmas.

A valorização da leitura e da escrita associadas à escrita associadas à conscientização desses sujeitos, propõem um repensar sobre suas inserções e atuações na sociedade em que vivem como parte de um processo libertador, haja vista que, por meio dos saberes acumulados, terão potencializadas às possibilidades, para o primeiro grupo de avanços nos caminhos da inclusão na sociedade da qual participam e, para o segundo, mais especificamente, de retorno propriamente à sociedade. Dessa forma, podem, cada um desses sujeitos, de acordo com as suas realidades de vida e com as possibilidades de transformá-la, (re)criarem suas histórias e se fazerem sujeitos históricos, políticos e sociais.[2]

### **Bibliografia**

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: as artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. A cultura no plural. Campinas: Papyrus, 2003.

CHARTIER, Roger. A história ou a leitura do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

TFOUNI, Leda Verdiani. *Letramento e alfabetização*. São Paulo: Cortez, 1997.

---

[1] Segundo Moscovici (2007: 41), "pessoas e grupos criam representações no decurso da comunicação e da cooperação. Representações, obviamente, não são criadas por um indivíduo isoladamente. Uma vez criadas, contudo, elas adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem".

[2] Sobre as autoras: Andrea da Paixão Fernandes é professora Assistente do CAP-UERJ; professora da Rede Municipal de Educação do Rio de Janeiro; Doutoranda em Educação da UNICAMP. Danúbia Melo de Souza é estudante do Curso de Pedagogia (EDU/UERJ); bolsista de extensão universitária.